

Raízes e interpretação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial
Presidente
MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO
MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Coleção A espessura da linguagem

Comissão Editorial
MÓNICA ZOPPI-FONTANA (Coordenadora)

CÁRMEN LÚCIA HERNANDES AGUSTINI – FREDIA INDURSKY
GRECIELY CRISTINA DA COSTA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
TAISIR MAHMUDO KARIM

Organização

Ana Iris Díaz Martínez

Miguel Alvarado Borgoño

Raízes e interpretação

ENSAIOS TRANSDISCIPLINARES SOBRE
LITERATURA E CIÊNCIAS HUMANAS

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª 1724

R137 Raízes e interpretação: ensaios transdisciplinares sobre literatura e ciências humanas/organização: Ana Iris Díaz Martínez e Miguel Alvarado Borgoño; tradução: Greciely Costa e Paula Chiaretti (coordenadoras). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Língua. 2. Literatura. 3. Ciências humanas. 4. Cuba – Cultura. 5. Chile – Cultura. I. Díaz Martínez, Ana Iris. II. Borgoño, Miguel Alvarado. III. Costa, Greciely. IV. Chiaretti, Paula. V. Título.

CDD – 400
– 800
– 300
– 306.097291
– 306.0983

ISBN 978-85-268-1486-8

Copyright © by Ana Iris Díaz Martínez
Miguel Alvarado Borgoño
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Sumário

NOTA DE APRESENTAÇÃO.....	7
<i>Greciely Costa e Paula Chiaretti</i>	
APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Ana Iris Díaz Martínez e Miguel Alvarado Borgoño</i>	
1. UMA APROXIMAÇÃO À ARTE ANTROPOLÓGICA DE MODESTO SAN GIL HENRÍQUEZ	21
<i>Ana Iris Díaz Martínez</i>	
2. ANTROPOLOGIA POÉTICA OU POESIA ANTROPOLÓGICA? A ETNOGRAFIA NO BANCO DOS RÉUS.....	73
<i>Andrés Recasens Salvo</i>	
3. VIAGEIRA BEM RECEBIDA. VIGÊNCIA DA DÉCIMA COMO ESTROFE NACIONAL CUBANA	97
<i>Ramón Martín Díaz Medina</i>	
4. A MUTAÇÃO DISCIPLINAR: UM FENÔMENO DE COMUNICAÇÃO INTERDISCIPLINAR.....	137
<i>Iván Carrasco M.</i>	
5. CUBANIDADE E MISTIÇAGEM: CANIQUÍ E A BUSCA PELA EXPRESSÃO AMERICANA	149
<i>Francisco Rodríguez Alemán</i>	

6. EM BUSCA DE UM DISCURSO EXPRESSIVO:
A LITERATURA ANTROPOLÓGICA NO CHILE..... 195
Pilar Valenzuela Rettig

7. PARADISO, DE JOSÉ LEZAMA LIMA:
FRAGMENTOS DE UMA IDENTIDADE SONHADA..... 229
Ricardo Vázquez Díaz

8. A MARCA LINGUÍSTICA CANÁRIA NA CULTURA
CUBANA..... 259
Luis Alberto Alfaro Echevarría

9. HOJE, O CHILE PENSA EM SEU PASSADO: NO, LOS
ARCHIVOS DEL CARDENAL, ECOS DEL DESIERTO E
LOS 80 NO “ATUAL CON-TEXTO SOCIAL” E AS POLÍTICAS
AUDIOVISUAIS DA MEMÓRIA..... 275
Karen Genschow

10. A CONCEPÇÃO DE HOMEM E O ÉTNICO EM JORGE
MAÑACH..... 309
Miguel Rojas Gómez

11. O PROBLEMA DO SENTIDO DO PONTO DE VISTA DA
FENOMENOLOGIA. UMA REFLEXÃO A PARTIR DA OBRA
DE CHARLES TAYLOR E M. HEIDEGGER 335
Carlos Medina Labayru

12. DISCURSO NA CELEBRAÇÃO DO 40º ANIVERSÁRIO
DA FLACSO, CHILE..... 365
José Joaquín Brunner

13. DISCURSO NA ENTREGA DO PRÊMIO
ACADEMIA (1992) 375
Sonia Montecino

14. DO ESTRANHO E DO OBJETO. HILDEGART E
AURORA RODRÍGUEZ..... 381
María Elizabeth Alvarado

Nota de apresentação

O livro *Raízes e interpretação: Ensaio transdisciplinares sobre literatura e ciências humanas* resulta de acordo de cooperação estabelecido pela Universidade do Vale do Sapucaí (Univás) em dois convênios científico-culturais: o primeiro com a Universidad Central Marta Abreu de Las Villas, de Cuba, coordenado pela professora Ana Iris Díaz Martínez; e o segundo com a Universidad de Valparaíso, do Chile, que foi coordenado pelo professor Miguel Alvarado Borgoño. Martínez e Borgoño são os organizadores deste livro. No Brasil, as atividades científicas são realizadas, no âmbito desses dois convênios, pelos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Univás.

O trabalho de cooperação com essas duas universidades advém de iniciativas da professora e pesquisadora Eni P. Orlandi, que tem se empenhado em aproximar as pesquisas que são desenvolvidas na América Latina, dando a conhecer e fazendo circular os estudos realizados, em especial, no campo das Ciências da Linguagem e no encontro destas com outras ciências. Contando com textos de pesquisadores tanto de Cuba quanto do Chile e, ainda, de uma pesquisadora alemã, este livro foi traduzido do espanhol para o português por uma equipe de tradutores coordenada pelas professoras Greciely Costa e Paula Chiaretti, que representaram a Univás nos referidos convênios.

Greciely Costa e Paula Chiaretti

Apresentação

*Devaneio e recuo. Das ciências humanas e literaturas**

O poeta Huidobro nunca recebeu nenhum prêmio literário de importância, mas “curiosamente” concorreu ao prêmio Nobel de Literatura aos 25 anos. A primeira edição da obra mais importante do chileno Pablo de Rokha, *Los gemidos*, foi vendida para embalar carne nos frigoríficos do matadouro. *El Facundo* (que nos impôs a prejudicial distinção entre bárbarie e civilização), escrito pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento, foi o panfleto de um exilado diante da ditadura de Juan Manuel de Rosas. Quando Michel Foucault começou a ler Jorge Luis Borges e a compreender o delineamento de sua magistral obra *As palavras e as coisas*, Borges era um humilde bibliotecário quase cego, escondido no subterrâneo de uma biblioteca do bairro, em Buenos Aires, e seus companheiros de trabalho se surpreendiam que um homem com sua mesma idade e com seu mesmo nome aparecesse nas enciclopédias de literatura dessa mesma biblioteca dos arrabaldes. Um dos primeiros etnólogos, propriamente, latino-americanos, o chileno

* Tradução de Greciely Costa.

Carlos Munizaga, se tornou antropólogo devido à insistência e ao ensinamento de um poeta, primeiro surrealista e depois materialista místico: Alfred Métraux, que planejou seu suicídio nos meados do século XX. Um dos grandes antropólogos de nossa terra, o brasileiro Darcy Ribeiro escreveu também romances maravilhosos, que remetiam a algo de Cortázar e, portanto, alusões à novelística de Mircea Eliade. Roque Dalton, o poeta, irmão dos “banidos do paraíso da modernização”, se fascinou e estudou antropologia a ponto de já falar de uma antropologia poética. O primeiro livro importante de Néstor García Canclini, publicado em 1968, se intitula *Cortázar: Una antropología poética*, e nele se concretizam as bases de um cruzamento entre literatura e ciências sociais a partir da releitura do pós-estruturalismo na América Latina. Nada disso é casual, apenas demonstra que as divisões em gêneros discursivos, de Aristóteles em diante, são o esforço cego de ordenar algo que astuciosamente se redefine; reelabora-se algo que está na rua, algo que é, antes de tudo, o gesto muito realista do delírio, da interpretação, situado potentemente em nossas costas sul-americanas. Não se trata de casualidades nem de exotismo; não é sequer o absurdo de toda história; possui uma lógica: nossa história cultural percorre caminhos imprevistos para a mente cartesiana. Prova disso é este livro que reúne um conjunto de escrituras referidas a “outras margens”.

Aquilo que nos é permitido na literatura, isso que nós aplaudimos, talvez, por um desmedido desejo de alteridade muito loira, muito branca, por um gozo na diferença remota e arruinada, é impossível no cânone formal do *paper*. Seria como se as ciências humanas, tal como Gabriel García Márquez delineava acerca de nossos esforços políticos e utopias, devessem endereçar suas perguntas e suas tentativas de respostas sobre a base de critérios claramente ocidentais; trata-se também da imita-

ção patética destes na lógica especialmente do “modelo” das ciências naturais, modelos que emulam, desde estas ciências da vida sociocultural, à bioquímica ou à física; em uma pulcritude amarrada ao estímulo para a produtividade, saudosa do financiamento da agência local ou internacional, esgotada pela precariedade da universidade latino-americana que deve “fazer o que impressiona”, mas a partir da impressionante precariedade.

Se fosse uma obra literária, se tivesse esse rótulo, se um editorial barcelonês apoiasse o esforço, reforçasse a audácia, talvez, no talvez dos *talvezes*, a tentativa incerta de unir ciências humanas e literatura fosse admissível, mas não se trata disso: este livro não representa isso; ao falarmos das ciências humanas e da literatura quisemos provocar uma fissura no cânone, romper a tela que cobria como um glaucoma que cega as formas expressivas. Já não se trata de epígrafes literárias; Borges as destruiu, inventando epígrafes latinas com base em autores inexistentes, e concluindo que o romance era um ato mágico, que tinha explicação, desde que visto a partir dos exercícios europeus de interpretar a magia, borgeamente, assim mais ao estilo da antropologia social de James Frazer e seu *La Rama Dorada*, do que da filologia clássica ou da pragmática textual.

O convite de Eni Orlandi feito há algum tempo em um Congresso de Linguística no Brasil a estes dois organizadores, um de cada esquina da América do Sul (Cuba e Chile), para reunir os textos deste livro é, sem dúvida, parte de seu programa experimental, o qual se expressa em livros como seu texto magistral sobre o “silêncio”; foi um ato acadêmico e político de Eni, para apoiar a ruptura, dar água e flagelo aos “cavalos em fuga”, como dizia Yukio Mishima; é por sua audácia que este livro torna-se possível, porque sua origem é questionável diante do texto canônico da cátedra e seu destino duvidoso. Apenas pedimos que não seja exclusivamente aos centros de estudos dos países

centrais; evitemos ser “espécies expostas” ao estilo do zoológico humano de Hamburgo no início do século XX.

Como escritores e pesquisadores de fronteira, não somos só exotismo nem queremos ser raridade, sonhamos em ser pesquisa e risco, e não nos envergonharemos do experimento por mais que fuja ao cânone, por mais que arrisque a pele em uma escritura difusa ou em abordagens indeterminadas ou experimentais, por mais que se refiram a algo como a antropologia literária ou a literatura de gênero, atrevimentos que roçam o panegírico e a ideologia; são escrituras do risco e da precipitação: é isso que está em jogo.

Isso tudo não se trata nunca de novidade colérica e colonialmente transvertida, porque a América Latina teria adormecido esse laço forte entre ciências humanas e literatura, antes mesmo de Ana Iris, Eni e Miguel pensarem em um livro como este; antes mesmo de aparecerem, no Ocidente, as ciências humanas de maneira positivista ou marxista. Somos parte de um sintagma indelével, o da analogia estética que acaricia e se entrelaça desde o Barroco, a ilustração e a Modernidade Desenvolvimentista, acoplando-se com essas correntes culturais, mais do que sendo devorado por elas, entre ditaduras militares e colonialismo cultural; tudo parte do mesmo emaranhado de nós, do mesmo erotismo como desejo da palavra e do rito, porque a violência colonial, que se revela na cultura e no bombardeio genocida, é ao menos reconhecível, e porque a academia latino-americana em ciências humanas se submete à jaula bibliométrica, sem protestar, sem gozar e sem pausa. Provavelmente vários textos deste livro são inaceitáveis para o cânone científico e por isso devem estar nele.

Essa é a epopeia recorrente, a exorbitante história inenarrável, fábula do caçador que se transformou em antropófago, que fagocitou a flora e a fauna de um mundo que não era o seu, para

o qual não foi possível cultivar nem criar híbridos, nem elaborar canções sincréticas, mas que teve que, ao estilo dos evangelhos gnósticos, voltar-se sobre si mesmo: algumas ciências humanas que se entrecruzam com a literatura e que se apropriam de sua autoridade, que a examinam, que a reverenciam, que retomam os recursos retóricos, que se tornam adictas à metáfora (e cada vez mais, a cada dia, aumentam a dose), isso significa ir do cânone para outro ponto que exponha a pele e os usos.

Não se trata de uma novidade; é, sem dúvida, um gesto pretenso, é uma aposta na comunicação e na incomunicação simultaneamente, romper e decepcionar as expectativas e ordens do campo científico, tudo para entrar em algo que talvez, só talvez, mas possivelmente, se possa constituir no único modo de comunicação intercultural viável. Para retomar José Martí, Domingo Faustino Sarmiento, Santiago Arcos, Juan Bautista Alberdi, e tantos outros, e conseguir desenredar tantos equívocos, e assim assumir que o colonialismo tem mãos de bomba, mas um cérebro sutil e multilíngue, que tem molduras que são como arames farpados que impedem o retorno, que desonram o retorno às origens um tanto abjetas e genocidas do Estado-Nação Latino-Americano, mas que gerou uma estética da compreensão que ainda perambula e hoje aqui se reestrutura e reabilita.

A Teoria da Dependência, as Teologias e Filosofias da Libertação, a Linguística de Deslocamento (como a de Eni Orlandi) e as ciências humanas literaturizadas são um ato não só contraco-lonial, mas curador, restaurador, reconstrutor de traços da visão de Andrés Bello, que se conecta com a constatação dos limites da narração científica de simulacro naturalista e do exato; este livro é uma tentativa emancipatória sobre o teatro de pantomima apresentado ao ler e escrever levemente, como se escrevêssemos e interpretássemos a partir da Europa ou dos Estados Unidos, como se não fôssemos morenos, sujeitos ao jugo colonial, como

se realizar o esforço de escrever com a clareza dos ingleses ou dos norte-americanos nos branqueasse a pele, o espírito e o ofício.

O que significa voltar à origem? Não é de forma alguma uma postura conservadora, algo que reproduza um tipo específico de hegemonia e colonialismo, tampouco é uma visão esclerosada que conte um tipo de “lenda de família” (como diria Sigmund Freud) sobre nossas escrituras, mas antes se trata de retomar um fio embaraçado, às vezes invisível, às vezes desvanecido, que conecta especialmente barroco e romantismo e que desafia o Iluminismo; um fio que tentaram apagar nos megaprojetos desenvolvimentistas, nas tecnologias macrossociais desenhadas e implementadas durante o século XX pelas elites latino-americanas: trata-se, portanto, de retomar o que Octavio Paz nos explicou sobre as vanguardas latino-americanas em *Los hijos del Limo* ou o que Manfred Frank, em *El Dios Venidero*, chamou de revisitação dissimulada do “túmulo de Deus”; é a geração de estruturas mitológicas que operam como literatura, historiografia, teologia, jornalismo e ensaísmo sociopolítico, e que, como sistema textual, são, desde meados do século XIX, o esforço destemido em escrever interpretando a América Latina, decifrando a partir de uma língua emprestada (português e espanhol), mas, da mesma maneira, uma tentativa de convidar, como desejava Andrés Bello, a poesia para “vir a estas terras novas” para que visse da Europa desgastada, ou como Eduard Glissant produziu nesse “tudo mundo”, pensamento da forma e da totalidade, em sua “antropologia literária” específica, a qual não se prendeu a nenhum cânone e, desde a espessura e o afastamento das Antilhas ou de Paris, celebrou o barroco de Faulkner e também criou um pensamento não linear, e o fio da escritura ainda não de todo interpretada, apenas hoje tolerada.

Mais do que uma genealogia de um experimento, este livro é um gesto de arcaísmo no centro da reviravolta do conhecimento,

na observação das regras do texto; se já Theodor “Wiesenthal” Adorno reconhecia o ensaio como um gênero autônomo, em seu livro *Mínima Moralia*, assume-o com uma especificidade do que em grego se entende por do *Skoteinós* (ou do obscuro), e Roland Barthes falava do *Discurso de la Historia* (um ensaio magistral) para demonstrar a literariedade de toda escritura, por mais científica que se pretenda ou a pretendam; então, nada ocorre por casualidade na transmissão das palavras, o absurdo assumido em extremo na elucidação da cultura pode ser um alibi, e menos ainda pode haver um absurdo em nossas terras de destroços e deslumbramento, de ditaduras, de terremotos, de invasões, e tudo isso é parte de uma sequência invisível, que já, não há como duvidar, abre a possibilidade deste livro e desta intenção de vincular literatura e ciência.

Mas não nos enganemos; em vez disso, reiteremos que somos clássicos, conservadores no sentido de um classicismo negado e usualmente recôndito, mais próximo do “pensamento poetizante” ao qual apelaram europeicamente Federico Nietzsche e Martín Heidegger, e a narração mítica das culturas indígenas latino-americanas, essas nossas culturas nas quais ritual e palavra são a mesma coisa. Nossa boca e nossa mão foram obstruídas por escrituras da cópia, por ensinamentos iluministas, por pactos secretos de elites que queriam poder, no caso dos intelectuais, e um pouco de legitimidade simbólica e cultural a partir do campo do domínio oligárquico.

Mas que não ultrapassemos a convicção globalizante e pós-moderna, que não nos enveie a possibilidade dessa escritura; recusamos o exotismo e reivindicamos a possibilidade dessa textualidade como uma zona que representa um espaço coletivo; não seremos pós-modernos, porque jamais fomos modernos, nem os que aqui escrevem, nem aqueles a que interpretamos, mas tampouco somos exclusivamente tradição aborígene. Nes-

te livro, somos nó apertado constituído de fios multicores, somos (ou devaneamos ser, para os efeitos dessa realidade que construímos) uma argamassa simbólica que segue a rota das tentativas de expressão vernáculas e de fronteira. Qualquer leitor pode reconhecer aqui algo de familiar com a poesia indígena, com a escritura homossexual ou com o ensaísmo crítico de deslocamento; somos algo das crônicas dos vencidos do século XVII, do teatro anarquista de resistência sul-americano; somos discurso ritual da festa religiosa do padroeiro ou evocação no rito indígena; somos e desejamos ser uma escritura que se urde no cotidiano, mas que se vincula ao aporte dos países centrais; nós, sul-americanos, não inventamos nossa língua nem a cultura ocidental, mas essa escritura deseja ser e é elo de originalidade que resiste e flutua em um deserto de significados.

Neste livro se unem dois tipos de perspectivas, as das metalinguagens do experimento, com a reflexão sobre as possibilidades e os limites do próprio experimento: mas, não obstante, devemos aportar essa atitude delirante de inovar sobre o passado, de crer que nem tudo se esgota nos fluidos do conhecimento acadêmico das sociedades ricas ou da literatura da grande empresa editorial. Isso é delírio, mas, sem alucinação, a cultura não cria e, portanto, se desenha, desaparece, e na América Latina já faz muito tempo que não estamos dispostos a desaparecer, nem com a morte do homem pós-estruturalista, nem com a vergonha dos presos desaparecidos; essa emancipação é a continuidade de muitas emancipações anteriores, interrompidas pela violência simbólica e física das elites dominantes, mas inabalavelmente prolongada. Filósofos, sociólogos, filólogos e antropólogos geraram esse desafio delirante: agradecemos a Eni Orlandi por nos propor a feliz tarefa deste livro coletivo.

Nesse esforço coletivo e amoroso, os trabalhos que compõem este variado livro têm uma base comum: estão atravessados

do princípio ao fim pela poesia imanente da alma americana, essa que define homens como o cubano José Martí, que, lá no longínquo 1877 – e não precisamente em um tratado antropológico –, se referia a nossas singularidades culturais de maneira mais exata: “Assim nós, com o todo o raquitismo de uma criança gravemente ferida no berço, temos o ardor generoso, a inquietação flamejante e o voo alto de uma raça original, feroz e artística”. Essa nossa essência, de fato, híbrida, embora ardente e enérgica, duplica em cada um dos ensaios aqui compilados, transpondo-se em uma letra autoral e nos processos, fenômenos ou manifestações artístico-intelectuais que tenham sido estudados porque, ainda que nem todos os autores sejam cubanos ou chilenos, em todos eles está a perspectiva gnosiológica êmica, o pensamento do interior, livrando esse bonito empenho promovido pela professora brasileira Eni Orlandi de qualquer lastro colonizador que dilua nossa verdade continental.

Apesar da polifonia natural desse projeto, um profundo diálogo sustenta suas propostas, as que sugerem um interesse essencial: estudar as alteridades que construíram nossa comum entranha continental, e o fizeram a partir dos comportamentos criativos mais diversos, que vão desde o ensaio artístico-literário até o filosófico-antropológico. Um afã de estudar o homem em avatar com seus símbolos e com ele ali, em seu centro, construindo-os, restaurando-os, recuperando seus fragmentos partidos, montando essa complexa urdidura que é sua teia, seu enraizamento, seu bosque. Este livro é isso.

Não é complacente e linear tentativa de quem escreve para satisfazer um compromisso internacional, para deleitar-se em um frio e inoportuno hedonismo que nos aparta do compromisso ético com a verdade de nossas culturas. Como toda proposta séria, esta coletânea reúne textos polêmicos em torno de processos comuns que têm marcado durante décadas culturas

como a chilena, com sua antropologia literária ou literatura antropológica, como tem sido denominada. Processos como este têm merecido abordagens diferentes; além do mais, os autores que agora centram sua atenção nesse tipo de escritura dialogam sobre uma realidade comum sem se atrincheirarem no absolutismo do dogma, mas sim a partir da compreensão dialética de sua múltipla realidade cultural e rica, que burla as fronteiras disciplinares, as classificações ou qualquer tipo de artifício intelectual que tenha inventado o homem para organizar seu bosque de símbolos, impondo-se desenfreadamente e com autenticidade, o que confirma novamente a definição de nossa raça exposta primorosamente por Martí e articulada na obra de latino-americanos universais como Juan Rulfo, Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Octavio Paz, Pablo Neruda, José Lezama Lima e tantos outros.

Uma perspectiva semelhante é a dos autores cubanos aqui reunidos em cujas especificidades não me deterei; destaco neles somente o valor de propostas que evitam a tendência esnobe para estudar – com o deslumbramento dos espíritos empobrecidos pela aparente luz – obras e autores às pressas ignorando a autenticidade de suas propostas. Por isso, os cubanos retornam sobre homens e gestos genuínos: Jorge Mañach, um dos maiores pensadores do século passado que iluminou caminhos quase inexplorados de nossa expressão nacional; José Antonio Ramos, pioneiro por assumir o segmento negro de nossa cultura cubana com consciência de seu alcance e autenticidade; José Lezama Lima, visionário e guardião de uma cubanidade sem estereótipos, que, a partir de sua poltrona da rua Trocadero, prefigurou as essências nacionais que nos inserem na cobiçada universalidade; Modesto San Gil, o poeta solitário e fúnebre que engana a morte a cada dia com sua palavra poética renovada, virgem, apesar de viver em um vilarejo do interior onde

não acontece quase nada. Nem sequer a décima foi esquecida: viageira peninsular, vista com indiferença, continua a viver em nossa entranha nacional. Para uma celebração da linguagem, o professor Luis Alfaro (com Adolfo Colombres) propõe uma análise das contribuições canárias para o espanhol de Cuba, estudando um segmento de modo algum insignificante para a formação da variante cubana do espanhol.

Ao chegar ao final da primeira leitura deste livro não pudemos mais do que recordar um dos pressupostos mais interessantes da poética de Orígenes, que propõe a noção de pobreza irradiante para nossas culturas americanas e que foi desenvolvida por alguns de seus membros: Fina García Maruz, Cintio Vitier e José Lezama Lima. Esta argumenta que a tradição cultural dos povos da América é precisamente seu espólio de riquezas, de sua miséria material, mas, em compensação, uma riqueza espiritual inusitada nos acompanha. Que este livro sirva para revelar fragmentos dela.

Ana Iris Díaz Martínez

Miguel Alvarado Borgoño

Cuba, Santa Clara; Chile, Valparaíso, março de 2015

